

A ABORDAGEM DOS TEMAS LOCAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM OLHAR PARA O MUNICÍPIO DE NOVA OLINDA - PB

José Ronaldo de Lima (1); José Herculano Filho (2); Antonio Izidro Sobrinho (3)¹

¹Professor de Geografia do IFPB ronageografia@gmail.com

²Professor de Filosofia do IFPB herculanofilho@yahoo.com.br

³Mestrando em Geografia pela UFRN antonioizidro58@gmail.com

RESUMO: A importância do ensino da Geografia para a sociedade atual é de relevância extrema, pois não constitui meramente na transmissão de conteúdos, mas contribui no processo de construção da cidadania do discente, seu ensino é, portanto, indispensável desde o ensino fundamental. No entanto, é extremamente relevante que nesse nível de ensino o professor trabalhe com temas que abordem o espaço vivido pelos alunos de onde estes já possuem um conhecimento prévio o que facilitará no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, o livro didático disponibilizado pelo Ministério de Educação por meio do Plano Nacional do Livro Didático constitui no principal recurso didático disponível nos estabelecimentos educacionais e, portanto, o mais utilizado, porém devido as grandes diversidades sociais e naturais presentes no país estes não abordam temáticas presentes em escala local. Diante disso, nota-se a necessidade da produção de materiais didáticos que viabilize a disseminação de conhecimentos geográficos sobre o espaço vivido pelos alunos, neste caso, a Microrregião de Piancó, dada a inexistência de materiais desta natureza nos municípios que compõem esta porção do sertão paraibano que é retratado no 7º ano do ensino fundamental. Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica de forma exploratória onde foram aplicados questionários junto a professores de Geografia que atuam na série/ano citado de duas escolas no município de Nova Olinda – PB onde por meio dos resultados obtidos em campo percebeu-se a necessidade e a carência de recursos didáticos que abordem as características geográficas atuais do município.

Palavras-chave: Livro didático, Ensino de Geografia, Conhecimento local.

INTRODUÇÃO

A Geografia enquanto ciência sistematizada e disciplina escolar já passou e continua passando por diversas discussões, no entanto, esta constitui-se, como sendo de relevante importância para o processo de compreensão do espaço geográfico em sua complexidade, abordado em todas as escalas geográficas – global, nacional, regional ou local.

Entender como o espaço geográfico é produzido na escala geográfica local é de fundamental necessidade, pois apesar de estarmos em um mundo globalizado às diversas relações entre homem e meio, suas modificações, transformações, construções, etc. se dão em

¹ Todos os autores são pesquisadores do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Cultura e Diversidade (NUPEDI) vinculado ao CNPq.

um determinado espaço específico, ou seja, onde ele vive e, portanto, mantém contato direto com os objetos que lhes rodeiam (CALLAI, 2009, p. 84).

Mediante a fundação do Colégio Pedro II a Geografia toma impulso como disciplina escolar no Brasil, uma vez que seus conteúdos faziam parte dos exames para ingresso na faculdade de Direito (ROCHA, 1996). A partir de então, as discussões quanto ao ensino e seus instrumentos passaram a ser realizadas com veemência.

Um desses instrumentos corresponde aos compêndios utilizados desde então como recurso didático no processo de ensino da Geografia. Quanto à produção de livros didáticos Silva (2000, p. 37) relata que: “[...] é importante identificar o momento em que o livro didático assume uma identidade nacional, ademais integrada à nacionalização do país. O pico desse movimento, com raízes no século XIX, foi a década de 1930, durante o Estado Novo, liderado pelo presidente Getúlio Vargas”.

Ainda segundo Silva (2006, p. 57) “A partir de 1985, com a decretação da lei 91.542, de 19 de agosto, sancionada pelo presidente José Sarney, foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático, de longe o programa mais duradouro, subsidiado pelo MEC e intermediado pela FAE”. Deste período até os dias atuais a distribuição de livros didáticos é realizada por meio do PNLD que ganhou todos os cantos e recantos desse imenso país.

Diante disso, esta investigação se dá motivada pelo seguinte problema de pesquisa: os livros didáticos de Geografia ofertados aos professores e alunos através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) oferecem condições para que o aluno compreenda as relações espaço-geográficas nas quais ele se insere localmente? A partir disso, surgem as seguintes hipóteses: os professores que usam apenas o livro didático como recurso didático têm maiores dificuldades de propor conteúdos e conhecimentos em escala local em sala de aula; estes, por sua vez, trabalham superficialmente o local em sala de aula; os discentes apreendem e compreendem melhor os conteúdos quando se está trabalhando realidades em que ele convive.

Almeja-se, portanto, analisar como os professores de Geografia abordam/trabalham as temáticas do município de Nova Olinda no 7º ano do ensino fundamental. Dessa forma, a pesquisa visa contribuir com o processo de ensino-aprendizagem de Geografia através da discussão da abordagem e promoção dos conhecimentos locais importantes para a construção das noções de lugar, espaço vivido, espaço geográfico e para a construção da cidadania.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi realizado nas escolas João Leite Neto e Genésio Pinto Ramalho localizadas no município de Nova Olinda, sertão paraibano. A primeira pertence a rede estadual de ensino e a segunda a rede municipal ambas tem o ensino fundamental em sua estrutura pedagógica.

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica por meio da análise de diversos materiais principalmente, em livros e artigos científicos de autores renomados que retratam a temática analisada, tais como, Kaercher (2014), Callai (2009), Cavalcanti (2010), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), entre outros tantos.

Posteriormente a esta etapa realizou-se uma pesquisa exploratória que segundo Gil (2002, p. 41) “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Diante desta, buscou-se analisar as metodologias usadas por professores de Geografia no tocante a conteúdos locais destacando suas dificuldades frente ao processo de ensino-aprendizagem desta disciplina.

Assim, foi feita a coleta de dados que se deu por meio da aplicação de questionários semiestruturados a 10 professores de Geografia do ensino fundamental II das referidas escolas onde buscou-se analisar como estes usam os recursos e as metodologias para abordar o local no processo de desenvolvimento de suas aulas.

A análise das informações prestadas pelos professores foi tratada de forma quantitativa que de acordo com Minayo (2008) “os métodos quantitativos têm o objetivo de mostrar dados, indicadores e tendências observáveis, ou produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática”. Assim, os dados obtidos foram transformados em gráficos e quadros para sua posterior análise.

LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: BREVE RELATO

A Geografia enquanto ciência já passou por diversas definições e redefinições epistemológicas, assim, os gregos no início do surgimento desta ciência definiam a Geografia como sendo “a ciência que estuda a superfície da Terra”, segundo essa definição, caberia aos estudos geográficos descrever os fenômenos manifestados na superfície terrestre, comportando-se como a síntese de todas as ciências. (SEABRA, 1999, p. 14).

O fortalecimento da Geografia enquanto ciência sistematizada toma corpo no em meados do século XIX por meio dos estudos de

Alexander Von Humboldt (1769 a 1859) e Karl Ritter (1779 a 1859). Neste sentido, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 40) dizem que as publicações destes dois estudiosos compunham, na época, a base da denominada geografia científica, que vem a ser construída no fim do século XIX.

Uma vez consolidada como ciência, mesmo existindo diversas discussões quanto ao seu objeto – como ainda há nos dias atuais – os estudos da Geografia foram de primordial importância para o entendimento de diversos fatores e fenômenos que antes eram desconhecidos ou perpassavam pelo campo da superstição, do imaginário. Assim, ela se torna disciplina e passa, de forma tímida, a ser lecionada nas escolas.

Sabe-se que entre as décadas de 1830 e 1840 a Geografia na escola brasileira estava dando os seus primeiros passos, diante do contexto histórico de independência do Brasil (1822), promovendo vários avanços na estruturação da educação no país. Destaca-se, neste cenário, a fundação do Colégio Pedro II realizada em 1837, na, então, Província do Rio de Janeiro.

Segundo Rocha (1996) é a partir da fundação do colégio Pedro II que a Geografia escolar tem impulso no país. Naquela época os conteúdos relacionados à Geografia faziam parte dos exames de ingresso nas faculdades de Direito, o que facilitou a inclusão dos princípios geográficos na estrutura curricular do Pedro II.

A partir de então, vários livros didáticos começaram a ser produzidos visando à reprodução do espaço para ser discutido na educação primária. Entre eles destacam-se: o livro encontrado por Albuquerque (2009) na Biblioteca do Exército, no Rio de Janeiro intitulado de *Compendio de Geographia Elementar*, escrito por José Saturnino da Costa Pereira datado de 1836 que pode ser o primeiro livro de Geografia do país e o livro intitulado *Introdução corographica á Historia do Brasil* publicado no Brasil em 1840 e escrito por Pedro d'Alcantara Bellegarde. (PINA, 2009, p. 30).

Posteriormente a estes acontecidos vários outros livros foram publicados, tais como, *Compêndio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil* escrito por Thomaz Pompeu de Souza Brasil no ano de 1859; *Compêndio de Geografia Elementar*, de Manuel Said Ali Ida escrito em 1905, entre outros tantos que favoreceram as publicações mais recentes de autores renomados desta ciência, entre eles, Delgado de Carvalho, Aroldo de Azevedo e Mário da Veiga Cabral (PINA, 2009, p. 32 e seguinte).

O que foi exposto posteriormente é apenas uma “gota” diante do imenso “oceano” que envolve o processo histórico de formação da

Geografia enquanto disciplina escolar e do processo de produção e uso do livro didático no Brasil. No entanto, este estudo buscar-se-á analisar o ensino de Geografia e o uso de livros didáticos na atualidade.

Nos dias atuais produzidos em larga escala e por diversas editoras os livros didáticos ganharam uma notoriedade no país e passaram a ser usados em todos os cantos e recantos, em todas as escolas, para todas as disciplinas (salvo em alguns casos específicos em que este ainda não é disponibilizado) deste imenso território, pois é distribuído “gratuitamente” por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação.

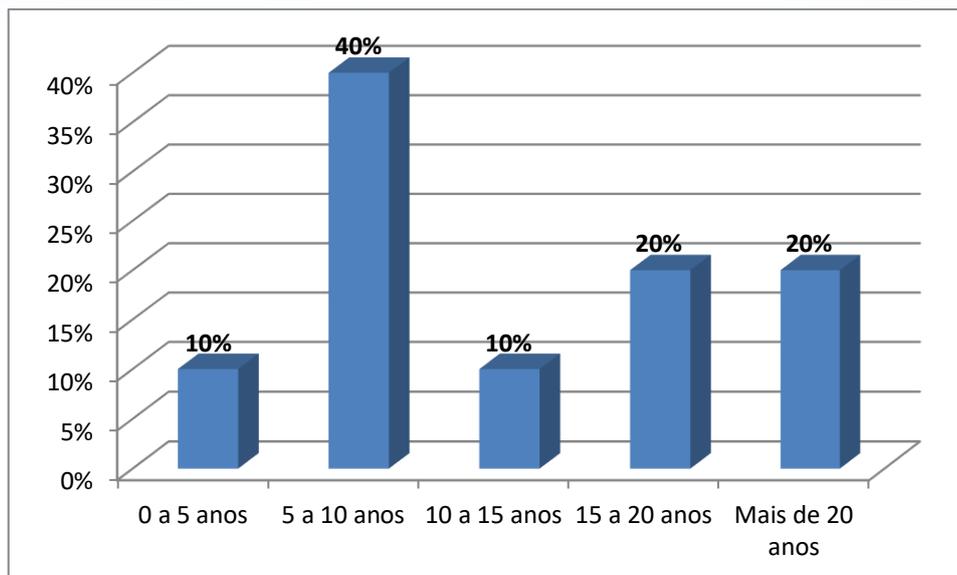
OUVINDO OS “CHEFES” DO PROCESSO: OS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Nesta etapa buscou-se dialogar com os protagonistas do processo de ensino-aprendizagem que são os docentes, pois são eles que vivenciam, cotidianamente, esta realidade e, portanto, os que estão aptos a retratar como se dá o processo de ensino e aprendizagem na Geografia.

Foi realizada uma pesquisa exploratória onde foram aplicados questionários junto aos professores de Geografia que atuam nas escolas João Leite Neto e Genésio Pinto Ramalho para entendermos como estes utilizam o livro didático disponibilizado pelo Ministério da Educação e quais metodologias usam em sala de aula para abordar conteúdos do local.

A experiência em sala de aula e não só nela, mas em todas as profissões é de fundamental importância para a realização de um trabalho com maior qualidade. Neste caso, os professores de Geografia do município de Nova Olinda possuem uma longa trajetória na função de docentes, pois muitos deles já lecionam há décadas.

Gráfico 2: Tempo em que exerce a função de professor de Geografia



Fonte: Pesquisa de campo (maio, 2017).

Dos professores entrevistados apenas 10% (1) está lecionando Geografia a menos de cinco (5) anos, ou seja, está iniciando sua prática docente. Tardif (2014, p. 261) afirma que “os primeiros anos de prática são decisivos na aquisição do sentimento de competência e no estabelecimento das rotinas de trabalho, ou seja, na estimulação da prática profissional”, portanto, estes professores podem ser bons profissionais para uma educação básica que tanto necessita.

Dos demais entrevistados 40% (4) estão lecionando num período de 5 a 10 anos; 10% (1) leciona entre 10 e 15 anos; 20% (2) entre 15 e 20 anos e 20% (2) dos entrevistados já lecionam a mais de 20 anos. Portanto, nota-se que a grande maioria é de professores com larga experiência e, portanto, aptos a falarem a respeito do uso do livro didático como recurso para suas aulas.

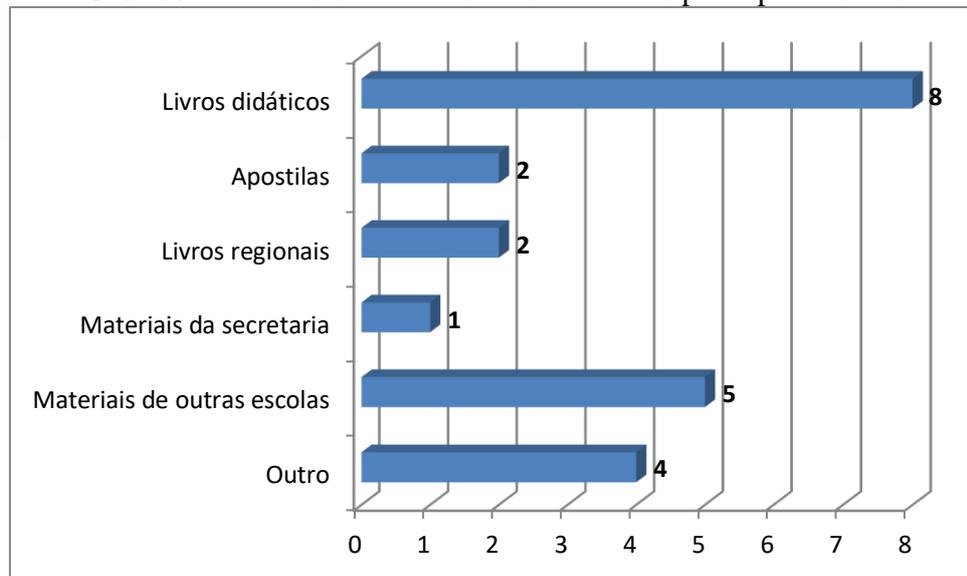
Uma questão se fez necessário: qual importância têm os livros didáticos disponibilizados pelo Ministério da Educação para sua prática docente? A grande maioria dos professores entrevistados (80%) afirma que os livros didáticos exercem uma relevante importância, pois o utilizam cotidianamente na sala de aula reconhecendo, inclusive, que fazem uso dele frequência.

Nota-se, de imediato que o livro didático exerce de longe uma supremacia/predominância sobre os demais recursos didáticos. Quando questionados a respeito do uso do livro didático disponibilizado por meio do Ministério de Educação os docentes reconhecem que este exerce uma supremacia/predominância sobre os demais recursos didáticos, no entanto, afirmaram que na sua

prática abrem espaços para o uso de outros materiais como forma de dinamização da aula e abertura para o conhecimento por meio da abordagem de outras leituras.

Segundo os professores em alguns momentos do seu plano de aula semanal os livros didáticos são colocados de lado para o uso de outras ferramentas, tais como, filmes, documentários, jogos, livros paradidáticos, livros locais, entre outros recursos que segundo os próprios chamam a atenção dos alunos, uma vez que quebra a rotina diária de leitura e realização dos exercícios propostos nos livros didáticos (ver gráfico 2).

Gráfico 2: Recursos didáticos mais utilizados pelos professores



Fonte: Pesquisa de campo (maio, 2017).

Como vemos no gráfico acima 8 dos 10 professores entrevistados afirmam usar o livro didático cotidianamente no processo de desenvolvimento de suas aulas, ou seja, apenas 2 deles afirmaram não utilizá-lo como sendo o principal recurso didático. Os professores também apontaram outros recursos que são comuns na sua prática: apostilas (2), materiais cedidos pela secretaria municipal (1), materiais de outras escolas, inclusive particulares (5) e (4) deles afirmaram que utilizam outros recursos como filmes e músicas, por exemplo.

Como a pesquisa busca analisar como os professores trabalham o espaço vivido pelos alunos foi perguntado se estes utilizam livros locais (História e da Geografia do município ou até mesmo do estado) e apenas 4 dos professores entrevistados afirmaram utilizar este tipo de material em suas aulas.

Este número reduzido de professores que utilizam materiais locais em suas aulas se dá

mediante uma gama de fatores, entre os quais os professores entrevistados destacaram:

Quadro 1. Causas para a não utilização de materiais que tratem o lugar

| |
|--|
| A inexistência de materiais que retratem o espaço onde se encontram; |
| A ausência destes materiais no local de trabalho; |
| Inexistência de biblioteca em muitas escolas; |
| O não conhecimento da existência de tais materiais; |
| O desinteresse em buscar outros recursos; |
| A falta de tempo para produzir o seu próprio material; |
| Os livros didáticos já estão prontos para uso e facilita o trabalho. |
| A jornada dupla de trabalho impede |

Fonte: Pesquisa de campo (maio, 2017).

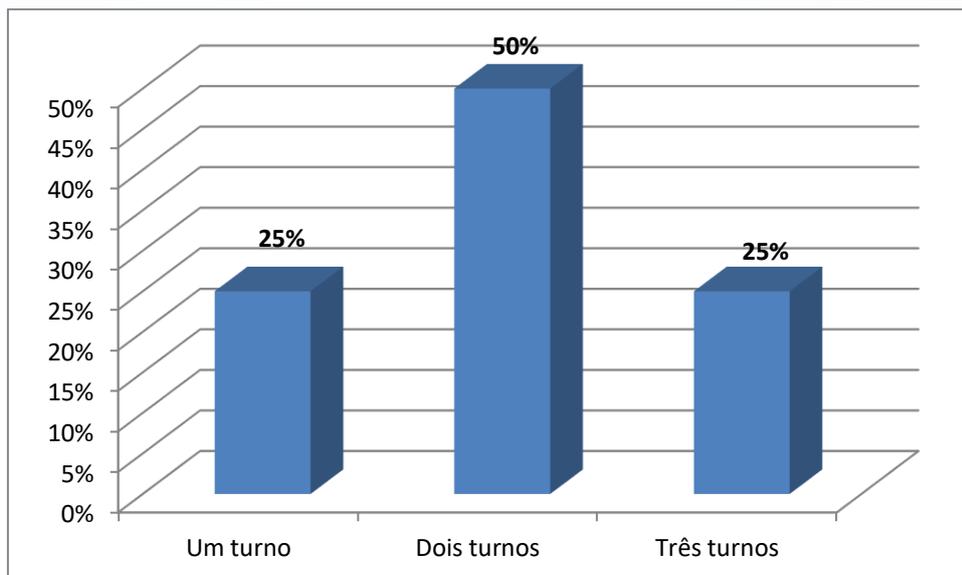
Sobre a inexistência de materiais que abordem o espaço vivido pelos alunos Demo (1999, p. 85) relata “desafio concreto será que o professor passe a “elaborar” suas aulas, com mão própria, acrescentando, sempre que possível e couber, pelo menos sínteses pessoais”. Esta ideia defendida por Demo resolveria a questão apontada acima onde os professores afirmam não ter materiais que retratem o seu espaço e, por isso, não utilizam.

Neste sentido Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 17) dizem que na formação de professores, os currículos devem considerar a pesquisa como princípio cognitivo, investigando com os alunos a realidade escolar [...]. Isso proporcionará um processo de ensino-aprendizagem de forma mais atrativa e participativa por parte dos alunos.

No entanto, o professor acaba se limitando a um único recurso - o livro didático - que como já afirmamos acima consiste em um excelente recurso didático. No entanto, quando o professor produz ele deixa de ser mero leitor de livros e passa a ser produtor, neste sentido, Demo (1999, p. 85-86) acrescenta: “[...] em vez de ser apenas interprete externo do livro didático, o professor deveria ser o próprio livro didático, se fosse capaz de tornar-se criador da didática”.

Por outro lado, nota-se que há uma série de fatores que interferem na prática do professor determinando indiretamente nos recursos que estes venham a utilizar no desenvolvimento de suas aulas e conseqüentemente, na qualidade de sua aula, entre eles podemos destacar a dupla e até mesmo tripla jornada de trabalho que muitos se submetem como forma de melhorar a renda bruta no final do mês (ver gráfico 3).

Gráfico 3: Jornada de trabalho dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de campo (maio, 2017).

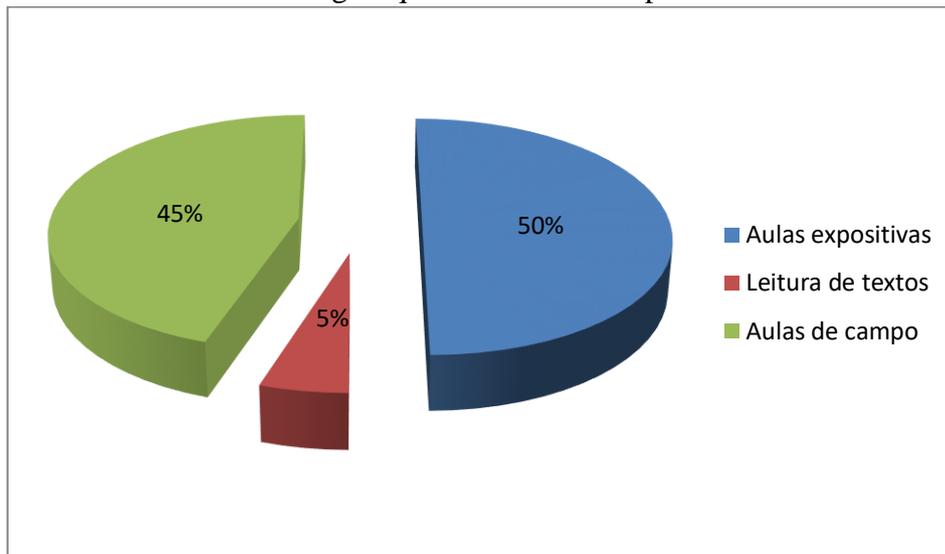
Por se dividirem entre duas ou três escolas entre dois ou até três turnos diários como podemos analisar no gráfico acima os professores acabam não tendo tempo para planejar uma aula mais dinamizada, que envolvam outros recursos, pois isto demanda tempo, assim, como os livros didáticos já estão “prontos” e disponibilizados para todos os alunos as metodologias de aulas expositivas, leitura de textos e resolução de atividades são as mais praticadas.

Devido aos processos que envolvem a vida do professor, entre eles, a desvalorização social estes, muitas vezes, não têm estímulos para estimular/motivar os seus alunos, assim Kaercher (1999, p. 29) diz que “perdemos a poesia e a utopia. Não vemos mais o Sol, só o Dia. É, sem dúvida, uma das mais eficientes lições que aprendemos na escola: o exercício do silêncio, a limitação da voz e criatividade dos alunos”.

A abordagem do lugar fica na mera analogia entre o que é representado nos livros didáticos e o que ocorre no seu lugar. No entanto, esta abordagem precisa ser realizada de forma mais profunda, pois de acordo com Callai (2009, p. 84) “compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem”.

De acordo com tal situação, questionamos aos docentes entrevistados a(s) metodologia(s) que eles julgam promoverem maior aprendizado dos alunos de Geografia no ensino fundamental. Vale se alentar que deixamos livres para responderem, no entanto, estes citaram apenas três: aulas expositivas dialogadas, aulas de campo e leituras de textos (ver gráfico 4).

Gráfico 4: Metodologias que facilitam a compreensão dos alunos



Fonte: Pesquisa de campo (maio, 2017).

Dos professores entrevistados 50% consideram que há maior aprendizagem por parte dos alunos quando realizam aulas expositivas do conteúdo; 45% responderam que há maior aprendizagem quando eles realizam aulas de campo, pois os alunos têm o contato direto com o objeto estudado e 5% responderam que os alunos aprendem mais quando fazem leituras de textos, pois desenvolvem a leitura e escrita.

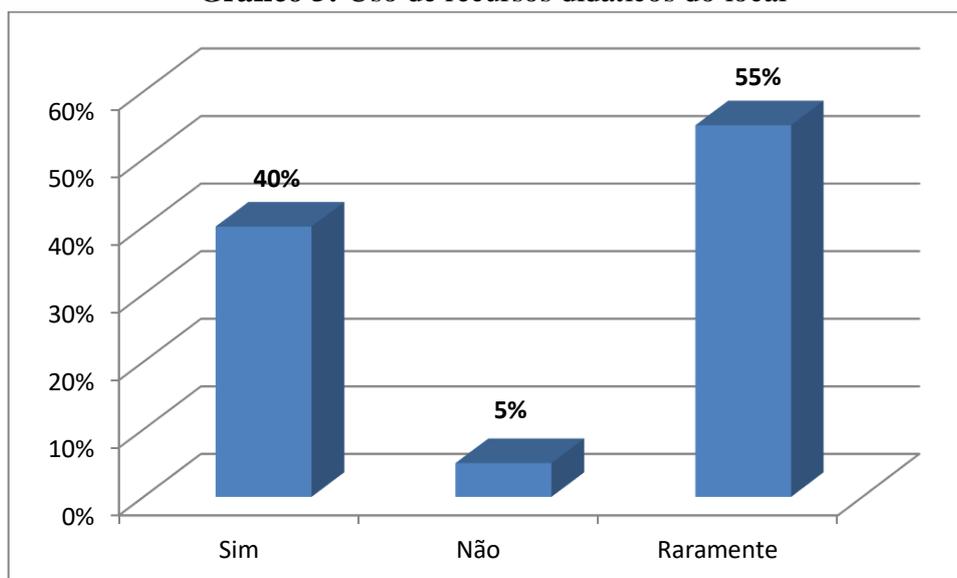
Não cabe aqui discutirmos se as metodologias acima citadas são corretas ou se uma é superior à outra, pois entendemos que todas elas provocam aprendizagem e que muitas vezes uma funciona em uma escola e não funciona na outra ou até mesmo em uma sala e não dar certo em outra, pois existem vários fatores que interferem nisso.

Nesta linha de raciocínio Kaercher (1999, apresentação) diz que “bom seria que a Geografia não estivesse mais presa a tantas medíocres aulas, ainda quase exclusivamente baseadas em livros didáticos, questionários pobres e exposições burocráticas, mecânicas e conservadoras, em que a memorização ainda é a principal habilidade exigida do aluno”.

Sabe-se que aula de campo consiste para a Geografia numa metodologia de riqueza inquestionável, pois neste momento os alunos podem tocar, sentir, cheirar, ver o objeto que outrora só viu por meio de imagens nos livros didáticos, no entanto, conforme afirma Cavalcanti (2013, p. 369) “o tempo da escola é escasso, é “cortado”, é fracionado; o espaço é na maioria das vezes “apertado”, conjugando-se, no mesmo local, atividades de naturezas diferentes [...]”. Assim, a falta de tempo e de espaço somadas a ausência de recursos limitam o professor a se deter na sua sala de aula.

No tocante ao tratamento que é dado aos conteúdos que abordem o lugar (aqui entendido como o espaço vivido pelo aluno, portanto, o seu bairro, o seu sítio, a cidade, o município) em que foi perguntado se os professores utilizam materiais que abordem este espaço, tais como, livros locais, cordéis, poemas, músicas, entre outros tantos, de autores locais como forma de facilitar o processo de compreensão do lugar onde vivem, onde atuam e assim, entender como isto se dá em escalas maiores (ver gráfico 5).

Gráfico 5: Uso de recursos didáticos do local



Fonte: Pesquisa de campo (maio, 2017).

Por meio dos dados do gráfico acima nota-se que 40% dos professores entrevistados afirmam utilizar as produções que retratam o lugar com frequência em sua prática, 55% deles responderam utilizar às vezes, ou seja, apenas em momentos específicos como o aniversário de fundação do município e a emancipação política no dia a dia segue o seu planejamento baseado nos livros didáticos distribuídos pelo MEC e 5% deles não utilizam em nenhum momento.

A Lei Nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, destaca, entre as competências e habilidades a serem desenvolvidas durante o Ensino Fundamental, “a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade” (BRASIL, 1996). Portanto, entender os valores, as artes, o quadro natural e social, o sistema político do lugar é de primordial importância para do ser enquanto cidadão.

Neste sentido Callai (2010) chama a atenção em relação ao entorno vivido do lugar

da escola como sendo importante para oportunizar o aprendizado do aluno. “considera-se também que esse entorno não se restringe aos espaços de vizinhança, mas é tudo aquilo que diz respeito à vida dos alunos e das pessoas com quem convive, é o seu cotidiano”. (CALLAI, 2010, p. 26).

Quando questionados a respeito da importância de se trabalhar o lugar onde estão inseridos (a escola e os alunos) os professores entrevistados foram unânimes ao afirmarem que conhecer o espaço vivido na Geografia é de fundamental importância para a formação de um ser cada vez mais crítico, consciente e capaz de entender as situações que ocorrem em outras escalas.

Assim, 90% dos professores entrevistados afirmaram que ter um livro didático como recurso para auxiliar o livro didático disponibilizado pelo MEC seria ideal, pois complementar o conhecimento do alunado; 10% destes classificam o uso de livros regionais como sendo bom e nenhum dos professores disse ser desnecessário o uso de livros produzidos em escala local.

Neste sentido Callai (2010, p. 29) afirma que “as pessoas vão construindo seus espaços enquanto constroem suas vidas, suas histórias, e isso precisa ser compreendido. Neste sentido, a Geografia pode contribuir para facilitar a compreensão do mundo em que o aluno vive”. Acrescento a ideia da autora ao defender a ideia de que o uso de materiais produzidos em escala local facilita esse processo de compreensão do cotidiano do aluno.

CONCLUSÃO

É consenso entre estudiosos da Pedagogia que o ato de aprender a ler e escrever se torna mais fácil quando os professores utilizam objetos, conteúdos, temas, realidades do cotidiano onde estão inseridos os alunos. Assim sendo, compreende-se que o ato de desenvolvimento da consciência crítica dos alunos no nível fundamental se dar de forma mais abrangente e de fácil compreensão quando partimos de situações-problema que ocorrem no seu espaço de vivência ou de forma inversa, mas que sempre perpassa pelo debate a respeito do lugar.

Diante do que foi analisado por meio do referencial teórico utilizado percebe-se que os livros didáticos constituem num recurso didático de extrema relevância para o atual cenário em que se encontra a educação básica brasileira. Nota-se que estes vêm sendo produzidos e utilizados no Brasil de forma concomitante com o advento da Geografia enquanto disciplina escolar.

Devido a vários fatores entre eles a enorme extensão territorial do Brasil e a sua localização que lhe confere uma variedade muito grande tanto nos aspectos físicos quanto sociais em decorrência de sua formação étnica a representação do Brasil em um livro didático, assim os livros didáticos são produzidos pensando num “aluno nacional”.

Diante disso, corroboramos com os documentos oficiais, entre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais e a nova Base Nacional Comum Curricular que tratam da educação brasileira de modo particular do ensino de Geografia no ensino fundamental que recomenda o seu ensino utilizando como análise as características locais.

Por meio da análise dos dados adquiridos a partir da aplicação de questionários juntos aos professores de Geografia que atuam no município de Nova Olinda que a discussão e abordagem de assuntos que envolvem o local ficam em segundo plano ou aparecem, brevemente por meio de meras analogias entre os fenômenos apresentados nos livros com um elemento que ocorra no município o que não provoca a imaginação e a percepção do aluno.

Os professores por possuírem longas jornadas de trabalho muitas vezes em dois e até três expedientes não sobra tempo para planejamento de suas atividades escolares de modo que o livro didático disponibilizado pelo Ministério da Educação se torna um aliado fiel, pois minimiza os problemas, uma vez que este já está “pronto para uso”.

Assim, a utilização de livros didáticos que abordem o espaço vivido pelos alunos seria mais um recurso didático que auxiliaria o livro didático nacional contribuindo, pois com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos por meio da análise em diferentes escalas geográficas.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. Escola, cotidiano e lugar. In: BUITONI, Marísia M. Santiago. **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2008.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KAERCHER, Nestor A. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. 3. ed./3. reimp. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

PINA, Paula Priscila Gomes do Nascimento. **A relação entre o ensino e o uso do livro didático de Geografia**. Dissertação (Mestrado). – João Pessoa, 2009. 104 f.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Genilton Odilon R. da. O surgimento da História das Disciplinas Escolares como área de estudo. In. **A trajetória da disciplina de Geografia no currículo escolar brasileiro (1937- 1942)**. São Paulo: dissertação do mestrado defendida no departamento de Supervisão e Currículo, PUC- SP: 1996a.

_____. O Colégio Pedro II e a institucionalização da Geografia escolar no Brasil Império. **GI RAMUNDO**, Rio de Janeiro, V. 1, N. 1, p. 15-34, JAN./JUN. 2014.

SEABRA, Giovanni. **Fundamentos e perspectivas da Geografia**. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

SILVA, Jeane Medeiros. **A constituição de sentidos políticos em livros didáticos de Geografia na ótica da análise do discurso**. Uberlândia, 2006. 275 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, no 73, p. 209-244, Dez 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf> . Acesso em: junho de 2017.